

Com esse pano de fundo propomos uma reflexão em torno da necessidade de inclusão dos referenciais de gênero na produção de textos jornalísticos, em particular, a inclusão dos referenciais de masculinidade tradicional¹ na produção de matérias sobre acidentes e mortes no trânsito.

A centralidade do carro no cotidiano masculino

No Brasil, já houve uma publicidade do governo federal de prevenção a acidente de trânsito, com o seguinte slogan: “Não faça do seu carro uma arma, a vítima pode ser você”. Supostamente, esse tipo de publicidade suscita direcionamento ao sexo masculino já que, objetos como “arma” e “carro”, tradicionalmente, são mais associados à imagem do homem, que da mulher. Note-se, inclusive que até nos VTs / comerciais televisivos de automóveis, há uma reafirmação dessa imagem ou estereótipo masculino e onde a mulher, muitas vezes, passa a ser utilizada ou apresentada como objeto de desejo de aquisição juntamente com o veículo. Mas essa seria outra discussão, mais voltada para a área de publicidade.

E por falar de *não fazer do carro uma arma...* Mais recentemente, estivemos visitando o BLOG de “gorick” (http://br.answers.yahoo.com/my/profile;_ylt) e ele nos inspira muito ao contar a seguinte historinha:

“O cara gostava muito do seu velho carro. Um dia bateu feio o carro e deu perda total. Ele gostava tanto do carro que pegou um pedaço da lataria que sobrou dele e fez uma faca, que deixou na parede de seu escritório para lembrar que aquele um dia foi o seu carro. Um dia ele discutiu com um cara que entrou em seu escritório. Os ânimos se acirraram e num dado momento o cara que discutia com ele, pegou a faca que estava na parede e o esfaqueou.” Moral da história: Não faça do seu carro uma arma, a vítima pode ser você.

Note-se que, esta é uma história cuja mensagem emitida apresenta um sexo bem definido em relação aos protagonistas do texto e em ao receptor – história de homens para homens. Imaginemos agora, esta mesma história mudando o sexo dos protagonistas: *“Joana comprou um carro e gostava muito dele... Um dia numa batida que deu perda total... Ela não se conformou e pegou um pedaço da lataria e fez uma faca...”* Nela estaria implícita uma mensagem sem sentido ou mesmo, não haveria nenhuma mensagem.

Podemos nos perguntar: Porque qualquer pessoa sem nenhum estudo de gênero pode afirmar que essa história só poderia ter uma mensagem clara se fosse protagonizada por um homem?

Com base em alguns referenciais podemos responder que:

Se, como um fato social e cultural, um texto, está situado em um espaço, em um tempo e necessita de suporte material e simbólico, de tradições e de saberes socio-culturais, E, se o significado de um texto se constrói na relação a um contexto determinado e se neste contexto existem normas fixas de gênero, ou seja, uma fronteira definida do que vem a ser traços de masculinidade e traços de feminilidade.

Então, o sentido do texto que nos referimos acima e sua mensagem só podem ser entendidos se protagonizados por pessoas do sexo masculino porque, talvez, já esteja muito claro ou naturalizado por nossa cultura que são os homens os que supervalorizam carros, que são mais violentos por “natureza”... Concomitantemente, que as mulheres são mais dóceis e valorizam outros tipos de objetos, como: joias, roupas, cosméticos, artefatos domésticos, etc. Afinal, é tão normal escutarmos, desde muito pequenos: *“Larga essa boneca, menino! ..”, “Homem que se preza não brinca de boneca!... Pegue seu carrinho que é melhor!”*, *“Homem brinca de carro, de bola.”* Ou ainda: *“Engula esse choro menino... Homem que é homem não chora!”*

¹ Identidade masculina relacionada a uma ordenação patriarcal de gênero, onde o Masculino está relacionado à força, à virilidade, a comportamentos agressivos. (Saffioti, 2004)

Reconhecendo a relevância desse aspecto, destacamos uma pesquisa recente, realizada em 05/04/2007 pela MTV da Grã-Bretanha, para estréia da versão local do programa Pimp My Ride, também exibida no Brasil. O resultado da pesquisa foi resumida em uma frase que serviu de título para o programa "*Majoria dos homens trocaria namorada por carro dos sonhos*". Na pesquisa foi feita uma enquete onde mostra que dois em cada três homens trocariam suas namoradas pelo carro de seus sonhos; que 55% dos entrevistados consideram seus carros como prioridade em suas vidas. (<http://www.bonde.com.br/bondenews/>).

Carro como objeto de desejo e de poder e de desejo masculino: Uma construção de gênero

Propomos um breve apanhado teórico e histórico para subsidiar uma mirada suspeitosa sobre a ausência de uma bordagem de gênero em torno das causas de acidentes e mortes no trânsito.

Sobre a construção social de gênero, a história mostra que, desde a Revolução Francesa com o desfraldar de suas bandeiras "Igualdade, Fraternidade e Liberdade", o gozo de direitos iguais tem sido almejado por parte de grupos sociais até então discriminados, como, por exemplo, o das mulheres. Em função disso a emergência do movimento feminista, junto com outros movimentos sociais nos marcos do capitalismo, se torna compreensível à medida que teoricamente esse regime prevê igualdade para todos perante a lei. Se na prática isso não ocorre, é outra questão, mas o que está implícito nessa colocação é a "garantia" da possibilidade jurídica de se lutar por esses direitos e pela igualdade, aqui compreendida não como direito de ser idêntico/a, mas como direito de ter o mesmo valor.

No decorrer da história a mulher vem ocupando lugar desigual em relação ao homem, ou seja, por exemplo, permanecendo confinada aos gineceus na Antiga Grécia, contando para tal com o aval dos filósofos que justificavam a natureza inferior da mulher²; seja na Idade Média³ quando os padres da Igreja ratificavam esses princípios, seja no Renascimento que embora considerado época de florescimento científico e filosófico, no que se refere às mulheres, corresponde a uma época de trevas, palco de um dos mais atrozes genocídios que já ocorreu na história: o da caça às bruxas, iniciando com a Bula do Papa Inocêncio VII (1484). Essa grande perseguição vai se intensificar gravemente com a crescente apropriação do saber médico pelos homens. Desde épocas mais remotas cabia às mulheres a arte de curar - raizeiras, alquimistas, curandeiras e parteiras⁴-; mas a emergência da "ciência" ou do saber científico o torna inadmissível aceitar uma mulher médica. (LIMA e Barretto, in: Passos, 1997)

O fenômeno de caça às bruxas parece estar relacionado com o abalo do poder religioso pela secularização, resultante da ascensão da ciência. Se essa teve como objetivo eliminar a ignorância e a superstição através de métodos racionais, teve também, por outro lado, como contradição, a perseguição às mulheres sábias; essa ciência em formação se fundamentou segundo, Brian Easlea (1981), numa filosofia que excluía as mulheres e ajudava a consolidar a sociedade patriarcal e os interesses masculinos em sua aplicação e resultados. Essa tendência vai se revelar nas idéias de

² No Timeu, Platão descreve a cosmogonia, situando a mulher como um ser inferior, idéia essa mais tarde seguida por Aristóteles - Sobre a geração dos animais - para quem a mulher era um varão mutilado e incompleto, incapaz não só racionalmente, mas até como reprodutora. (cf. TOSI, L. A Ciência & A Mulher. IN: Ciência Hoje (Revista de divulgação da SBPC) vol.13, n.75. agosto 91.

³ Sto. Agostinho e São Tomás de Aquino, disseminadores do princípio das essências, aprofundam o já existente abismo entre homens e mulheres. N'A Cidade de Deus, Sto. Agostinho, referindo-se à verdade revelada, estabelece a base do conhecimento onde um mundo ordenado e concluso reservava à mulher o papel de esposa, mãe e expiação da culpa por ser um instrumento do demônio e atração do desejo. S. Tomás de Aquino, por sua vez, na Summa Theologica, seguindo a tradição aristotélica, vai ratificar a visão da mulher como um ser incompleto. (cf. DURAN, M.A. *Mulher - Ciência - Universidade*, RJ., 1987)

⁴ Até hoje, na França, o nome parteira é "sage-femme" que significa mulher sábia, prudente e sensata (cf.: TOSI, L. As mulheres e a ciência: sábias, bruxas ou sabichonas? In. Dez.n.0, RJ., 1987)

Bacon e Descartes para quem a mulher e a natureza, enquanto entes similares deveriam ser domadas.⁵

Na Escolástica foi vetada à mulher qualquer possibilidade de produção de conhecimento, o que por sua vez se constituiu numa das bases de sustentação capitalista para privilegiar o espaço doméstico e o da reprodução como o lugar da mulher. O cartesianismo renascentista significou, por outro lado, o coroamento do processo de identificação da mulher com a natureza, ambas reduzidas à matéria inerte, não criativa, a ser plenamente dominada pelo intelecto humano, ou seja, masculino. Mesmo com a Revolução Francesa, cujo deslanchar contou com a ampla participação das mulheres, estas não terão acesso à cidadania e ao mundo público.

Corrêa (1988), concordando com Rubin e Scott, concebe os sistemas de sexo/gênero como sistemas de poder dos quais resultam, conflitos e transformações culturais, sociais, políticas e até mesmo econômicas. O uso analítico da categoria gênero se aplica a diferentes contextos históricos e culturais, numa perspectiva não fixa, de natureza dinâmica e relacional, ou seja:

“Os sistemas de gênero correspondem à totalidade dos arranjos através dos quais as sociedades transformam a sexualidade biológica em atividades humanas, a partir das quais as necessidades humanas são tanto satisfeitas, quanto transformadas. O poder contido nos sistemas de gênero opera com mais força nos estágios reprodutivos da vida humana, quando os meios para controlar a sexualidade, a reprodução e o acesso às atividades produtivas estão situados e funcionam de maneira mais aguda. Esta definição favorece a desconstrução das diferenças de gênero que foram e continuam a ser interpretadas, racionalizadas como resultado de uma ordem natural biológica imutável, no sentido de pensá-las como circunstâncias construídas social e historicamente e, portanto sujeitas à transformação pela ação social e política. Esta compreensão do gênero como operador social e simbólico também possibilita o exame das relações de poder inter e intra – gêneros.” (CORREA, 1988:152)

Fazendo referência ao conceito de “gênero”, de Scott, Barbieri (1993) afirma que os sistemas de gênero/sexo são conjuntos de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram a partir da diferença sexual anatômico-fisiológica e que dão sentido à satisfação dos impulsos sexuais, à reprodução da espécie humana e, em geral, ao relacionamento entre as pessoas.

Lima (2003) quando dialoga com Lauretis (1994) nos lembra que se pode entender gênero como uma construção, a qual a “representação de gênero” funciona como uma mediação. Vejamos o que diz Lauretis (1994):

“[...] el proceso por el cual la subjetividad es construida para todos los seres sociales[...] como un proceso de efectos, hábitos, disposiciones, asociaciones e percepciones significantes que resultan de la interacción semiótica del yo con el mundo exterior[...]” (Lauretis, 1994: 228).

Em resumo, em sintonia com Butler (2001) compreendemos *gênero* como uma construção socio-cultural dinâmica, mutante e lábil.

Coincidimos com os estudos de Butler (2001) quando propõe uma definição de gênero em termos de *performance*, como uma reação, tanto pela afirmação do feminismo essencialista de uma verdade natural o pre-discursiva da diferença sexual, como pela imposição normativa de certas formas de masculinidade e de feminilidade. Nesse sentido, concordamos com a suposição ou hipótese de que, não é possível presumir que a existência de um “eu interior” estável garanta a

⁵ Numa linguagem rica de metáforas, Bacon afirma que agora “ os homens ficariam capacitados para conquistar e dominar a natureza, sacudi-la nas suas bases(...) pois seu método devia inaugurar um “verdadeiro nascimento masculino do tempo” o que permitiria aos homens “ pôr a seu serviço a natureza com todos os seus filhos e fazê-la a sua escrava” (TOSI, Lucia. *As Mulheres e a Ciência: sábias, bruxas ou sabichonas?*In: Impressões, Feminismo e Cultura. Rio de Janeiro, Dez 1987, p.19)

unidade do ser, "guardián de la identidad femenina o masculina, sino que cada uno se va construyendo en el marco de las relaciones discontinuas y contingentes que mantiene con los/las otros/as, con los objetos que manipulan cotidianamente y consigo mismo"(Butler,2001:35).

Para nosso estudo, adotaremos a visão *performativa de gênero* dos estudos de Butler (2001, 2002 y 2004), na medida em que têm contribuído para colocar em questão que a relação entre sexo e gênero é algo natural (como se estabeleceu historicamente o discurso médico androcêntrico). Butler definirá esta relação entre sexo e gênero como *performativa*, e normalizada de acordo com as regras heterossexuais e culturais. Segundo esta autora, a identidade de gênero não seria algo substancial, não fosse por seu efeito *performativo* na invocação de uma série de convenções de feminilidade e de masculinidade, que necessita repetir constantemente para tornar-se normativa, pelo que vemos se pode operar uma inversão e gerar a subversão do efeito *performativo* (Preciado, 2002).

Em outras palavras, "mulher" não necessariamente é uma construção cultural de corpo feminino, e "homem" também não interpreta necessariamente corpos masculinos. Esta formulação radical da distinção gênero/sexo indica que os corpos sexuados podem ser suporte de muitos gêneros diferentes e, además, que o gênero em si não necessariamente se restringe aos dois já conhecidos. Desse modo, as saídas são múltiplas (Butler, 2001a).

Moreno (1988:230) defende a existência de uma *contra-dicción primera* que nos leva a identificar como "lo humano" a vontade, o anseio de domínio expansivo – vocação para morte fratricida -, próprio do arquétipo viril com os seus valores positivos de valentia e honra, entre outros. Esse sistema de valores são anti-humanos na medida em que excluem as mulheres, levando-nos a crer que a guerra é consubstancial à existência humana; que a expansão territorial é algo inesquecível e desejável, é a expressão de progresso pessoal e coletivo; que a hierarquia e os conflitos entre os seres humanos que esta gera, são algo natural ou transcendental. Esta lógica cria obstáculos para que se valore aspectos da vida cotidiana, como por exemplo, a aspiração a uma vida harmonicamente, cada qual consigo mesmo, com quem nos rodeia, com nosso entorno. Em outras palavras:

"... excluimos valorar como significativo todo aquello que, no obstante, vivimos y nos permite sobrevivir cotidianamente, palpar con el palpar humano, al margen ya de cualquier fantasma de superioridad: caos que amenaza al cosmos viril, naturaleza indómita que se resiste a la civilización productivista, carne concupiscente que provoca al atemorizado espíritu, eros productor y reproductor de vida frente a la fantasmagórica vocación de muerte fratricida, en fin, animalidad humana frente a vir-tud."(Moreno, 1988:232)

Comprender esta herança simbólica, talvez ajude a obter um olhar mais profundo sobre as causas de acidente e morte no trânsito.

Dados estatísticos sobre morte no trânsito

Para dar consistência à reflexão proposta neste trabalho consideramos importante apresentar alguns dados estatísticos dos acidentes no trânsito segundo o sexo, bem como uma análise sincrônica das produções jornalísticas brasileira e espanhola.

Quanto às estatísticas podemos destacar, de maneira geral, os seguintes dados:

- As colisões na vias de trânsito são a principal causa de falecimento entre os jovens de 10 a 24 anos. A cada ano morrem quase 400.000 jovens de menos de 25 anos como consequencia de colisões em vias de trânsito. (Informe da Organização Mundial de Saúde de 2003);

- A OMS (2003) considera as mortes e lesões em acidentes de trânsito como uma "epidemia escondida". Está entre uma das três epidemias globais que estão sendo "descuidadas". As outras duas são cardiovasculares e o tabagismo;

- Consideram-se como causas dessa “epidemia” OMS (2003): conduzir sob o efeito do álcool, excesso de velocidade e utilização inadequada dos cintos de segurança. Outras razões importantes são: a deficiência no traço das estradas e das calçadas; o desenho de veículos inseguros; a aplicação insuficiente das normas de segurança nas estradas; ausência, em muitos países, de tratamento adequado para os traumatismos (falta de atenção oportuna e eficaz, e grandes lapsos de tempo entre o choque e o internamento num hospital);

- Foram registrados **34.084** óbitos por acidente de trânsito terrestre (ATT) no **Brasil**, no ano de 2004. Na **Espanha**, a chamada sinistralidade no trafico provoca **4.442** mortes por ano (OMS 2005). Desse total, no Brasil, 28.576 (81,5%) eram de pessoas do sexo masculino e 6.495 (18,5%) eram do sexo feminino; Na Espanha, 3.509 (79%) eram mortes do sexo masculino e 933 correspondiam a obitos de pessoas do sexo feminino (21%)

Consideremos o seguinte quadro com dados relativos ao Brasil e Espanha:

Países	População*	Obitos por acidente de trânsito	Mortes/Sexo			
			Mulher	♀ %	Homem	♂ %
Brasil	186 milhões	34.084	6.495	18,5%	28.576	81,5%
Espanha	44 milhões	4.442	933	21%	3.509	79%

Fontes: Brasil - Ministerio da Saúde e IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e Estatística).
Espanha – Ministerio dos Transportes e INE/ES (Instituto nacional de Estatísticas de Espanha).

Vale destacar que a população brasileira é 4,2% maior que a espanhola; que os percentuais de óbitos por acidente de trânsito no Brasil é de 0,02% da população total desse país, e de 0,01% da população total da Espanha. Logo, fazendo uma relação proporcional entre a população de ambos, verificamos que os acidentes de trânsito no Brasil é o dobro dos acidentes espanhóis. Estes dados podem sugerir uma reflexão em torno das possíveis causas de acidentes no trânsito e suas diferenças por cada país, seja de natureza socio-econômica ou de natureza cultural como poderemos examinar no breve estudo a partir de matérias jornalísticas desses países.

- A partir das discussões ocorridas no Dia Mundial da Saúde, em 2004, e dos debates mantidos na Assembléia Geral das Nações Unidas, os governos e parceiros vêm prestando mais atenção à segurança vial. Contudo, é certo que ainda temos um grande caminho a percorrer. Os acidentes de trânsito matam quase 1,2 milhões de pessoas em todo o mundo a cada ano e deixam lesionados muitos milhões mais. Os acidentes de transito são a segunda causa de morte entre as pessoas de 5 a 25 años, e têm efeitos devastadores nas famílias e nas comunidades. Neste grupo de idade, os homens jovens – mesmo como pedestres, ciclistas, motociclistas, conductores principiantes ou passageiros - têm quase três vezes mais probabilidades que as mulheres jovens de morrer ou sofrer traumatismos nas ruas ou estradas. (Kofi Annan, Mensaje na ocasião da Primera Semana Mundial sobre a Segurança nas estradas das Nações Unidas, 23-29 de abril de 2007).

Esses são os principais pontos que nos fazem insistir na reflexão sobre a transversalidade da cultura patriarcal, androcêntrica que se materializa nas relações desiguais de gênero e que, por sua vez, vão estar refletidas em cifras percentuais, como por exemplo, estas que expomos sobre a mortalidade no trânsito.

E mais que tudo, nos instiga a fazer um chamamento a que seja considerado este aspecto nos produtos midiáticos, em todos os âmbitos de abordagem dos mais diversos fenômenos sociais e em particular, aqueles relacionados a acidente de trânsito.

Onde estão as relações de gênero nas reportagens jornalísticas sobre acidente de trânsito?

Compreendemos que os meios de comunicação tratam de captar a realidade, na medida em que necessitam levar em consideração os saberes implícitos das audiências sobre o objeto, assim também, como sua forma de valorá-lo e de reagir afetivamente em relação ao mesmo. Por outra parte, os meios também podem ampliar informações sobre o objeto e introduzir novas perspectivas.

Assim, um texto jornalístico também intervém na representação do objeto e pode afetar a "sensibilização" dos receptores em relação a ele. Nesse sentido, podemos dizer que o texto tem uma dimensão relacional e afetiva, mesmo que se apresente como neutro e indiferente.

Com estas referências, seguimos com uma breve aproximação a algumas matérias jornalísticas que consideramos ilustrativas para o debate em pauta. Foram consultadas oito matérias de quatro jornais, dois de cada país, Brasil e Espanha: Folha de São Paulo, O Globo (Rio de Janeiro), La Vanguardia, El País. As matérias foram publicadas nos dias 10/04/2007 e 02/05/2007, primeiro dia útil depois da Semana Santa e, respectivamente, o dia que segue o feriado do Dia do Trabalho, considerando que estes "feriados" estão presentes nos dois países.

Esse estudo foi realizado com base na metodologia de análise qualitativa e com o auxílio da ferramenta informática de análise de conteúdo de texto: Atlas Ti, que é um programa informático que ajuda a sintetizar, ordenar e organizar a informação recolhida, assim, pode ampliar a margem de segurança dos resultados e análises dos dados. ([www. antalya.uab.es/jmunoz/cuali/manualatlas.pdf](http://www.antalya.uab.es/jmunoz/cuali/manualatlas.pdf))

Segundo Van Dijk (1997), a leitura das manchetes de jornais é um processo de adivinhação estratégica em que o leitor tem acesso a uma síntese crítica dos acontecimentos ou temas das notícias, recupera informação previamente conhecidas, incorpora suas suposições e conjecturas; ele/ela comprova o conhecimento sobre o episódio e a adequação das tipificações existentes na sua memória semântica e com isso, decide si lerá ou não o corpo da notícia.

Manchetes sobre acidente de trânsito:

JORNAL	MANCHETE	DATA
O globo on line	Páscoa mais violenta nas estradas	10/04/2007
	Mais acidentes nas estradas federais de Rio, SP e Minas	02/05/2007
Folha on line	Estradas têm mais acidentes na Páscoa	10/04/2007
	PRF divulga nesta segunda balanço do feriadão	02/05/2007
La Vanguardia	Las carreteras secundarias se cobraron tres de cada cuatro muertos esta Semana Santa.	10/04/2007
	Fallecen 39 personas en 31 accidentes durante el Puente de Mayo, 19 menos que en 2006.	02/05/2007
El Pais	La Semana Santa se cierra con la mitad de muertes en las carreteras	10/04/2007
	39 muertos en las carreteras desde el inicio del puente de mayo	02/05/2007

Ao analisar as manchetes da amostra referida, se detecta que predominam referências a dados estatísticos e apenas em uma delas se aborda o problema estrutural nas estradas: "*Las carreteras secundarias se cobraron tres de cada cuatro muertos esta Semana Santa*" (La Vanguardia 10/04/2007, Barcelona). Nota-se, também, que as manchetes seguem a tradicional linha de comunicação que busca causar impacto pela força das palavras que chocam e/ou chama a atenção do público em geral, tais como: "mortes", "acidentes", "violenta", ao que parece ser reafirmado quando analisamos o conteúdo da matéria, já que segue ressaltando mais os números e percentuais, sem aprofundar outras questões fundamentais que envolvem esse tema.

De todas as maneiras nos perguntamos se realmente estas manchetes poderiam atrair o/a leitor/a ao corpo do texto, já que parecem ser tão repetitivas e pouco criativas esse tipo de abordagem adotada nas manchetes sobre acidente de trânsito.

No processo de análise do corpo das oito matérias destacaram-se, por sua recorrência, os seguintes temas: *estatística, causa de acidente, medidas de segurança e contexto do acidente* (dados).

Resultados

Estatística

Fica evidente que nas oito matérias, dos quatro jornais estudados, predomina o tema das estatísticas dos acidentes. Apesar do destaque a dados numéricos em torno do tema, detecta-se a ausência absoluta de dados segundo o sexo dos atingidos.

Detecta-se a apresentação ampla, excessiva ou exaustiva de números e percentuais inclusive com comparações por cada ano, dados de crescimento ou declínio, informações sobre dias da semana em que ocorre o maior número de acidentes, aumento do número de veículos, entre outros. Vê-se que as fontes de dados são oficiais e em geral, é resultado de pesquisas (ver O globo on line, Folha on line, La Vanguardia, El País, em 10/04/2007 e 02/05/2007).

Causas dos acidentes

Nas matérias dos jornais brasileiros (O globo on line, Folha on line, em 10/04/2007 e 02/05/2007) a ênfase maior das causas de acidente no trânsito se dirige à imprudência dos motoristas, chuva, aumento do volume de tráfego e as más condições das estradas. Nos jornais espanhóis, o tema não é tratado com tanta assiduidade.

No La Vanguardia (10/04/2007 e 02/05/2007), não é feita qualquer referência às causas dos acidentes. Já no El País (10/04/2007 e 02/05/2007) é apontado o excesso de velocidade e as chuvas, como intervenientes nos acidentes.

De maneira geral há uma tendência à simplificação na abordagem das causas dos acidentes, de suas conseqüências ou repercussões, sejam elas, humanas, sociais ou mesmo econômicas, seja no aspecto do entorno familiar ou ampliado para cada região ou ao próprio país.

Medidas de segurança

Ganha destaque nos jornais brasileiros (O globo on line, Folha on line, em 10/04/2007 e 02/05/2007) aspectos associados ao aumento e intensificação na fiscalização dos veículos, à aplicação de multas e autuações por infrações (retenção de veículos e/ou carteira de habilitação).

Nos jornais espanhóis (La Vanguardia e El País, em 10/04/2007 e 02/05/2007) as notícias sobre os acidentes de trânsito nesse aspecto de medidas de segurança, estão mais associadas a uma avaliação sobre a eficácia de uma nova carteira de pontuação para o motorista. Fica clara a idéia de que o objetivo da criação desse modelo de multa com associação a perda de pontos na carteira de habilitação é diminuir o número de mortes nas estradas, procedimento que vem sendo avaliado dia a dia.

Contexto⁶

Em relação aos argumentos sobre o contexto em que está inserida a notícia, observamos que os jornais espanhóis (La Vanguardia e El País, em 10/04/2007 e 02/05/2007) o fazem com maior detalhamento que os jornais brasileiros, como por exemplo:

"La última jornada, festiva en Cataluña, Comunidad Valenciana, País Vasco y Navarra, deparó más de 200 kilómetros de colas" (El País); "(...) fallecieron un hombre y su hija, un bebé, mientras los otros ocupantes del vehículo, su esposa y su hijo de nueve años, resultaron heridos de gravedad. El accidente, que tuvo lugar en la carretera CM- 4008, en el tramo que une las localidades de Griñón e Illescas, se produjo al chocar frontolateralmente el turismo contra un camión, tras lo cual se vieron implicados otros cuatro vehículos".

Os textos analisados sugerem que pouco se contextualiza o tema dos acidentes no trânsito e que talvez, este fato ocorra pela necessidade de "objetividade", de imparcialidade, garantida pela frieza "numérica". Com isso as notícias tendem à banalização das notícias de morte no trânsito.

Estes aspectos poderiam nos levar a questionar que objetivo subjacente teria esses formatos de matérias? Por que a não disponibilidade ao leitor de informações articuladas e mais completas? Até que ponto isto implica em pouco compromisso dos meios de comunicação com as mudanças sociais?

Considerações finais

Em suma, no que foi analisado nas matérias de jornais do Brasil e da Espanha está explícita a ausência da variável sexo no que se refere aos dados estatísticos sobre os acidentes e mortes no trânsito, como também a inexistência de qualquer tipo de reflexão sobre o significado sócio-cultural e simbólico do carro (automóvel) na vida dos homens e sua consequente masculinidade tradicional.

Assim, compartilmos essa inquietação que não cala: No que se refere a todo tipo de acidente de trânsito e correspondentes óbitos, onde estão os aspectos relacionados ao gênero, se é tão evidente as disparidades de percentuais entre homens e mulheres?

Bibliografia

- Ávila, M. B.(1992). Direitos Reprodutivos: Um breve relato de uma longa História. En: LIMA, Nádía Regina L.(ed..) (1992) *Mulher & Saúde*. Coleção Gênero e Cidadania, Maceió: EDUFAL,
- Barbieri, T. (1993). Sobre a categoria Gênero: Uma introdução teórico-metodológica. Recife: SOS Corpo
- Butler. J. *El Género en disputa*. Buenos Aires, Paidós, 2001^a
- (2001 b) Encuentros transformadores in: Beck-Gernsheim (2001). *Mujeres y Transformaciones sociales*. Barcelona: El Roure
- (2004) *Lenguaje, poder e identidad*, Madrid: Síntesis,
- Easlea, B. (1981) *Science and Sexual Opression*. Londres: Weidelfel and Nicolson Press.
- Lima, N.R. & Duque-arrazola, L.(2003) *A cientista e sua identidade de gênero*. Maceió: ADUFAL, Coleção Mare&Sal.
- Lima, N.R., As rendeiiras do saber: nas malhas da ciência, o enredamento de corações e mentes. Um estudo sobre a cinetista e sua identidade de gênero na UFAL in Lima, N. R. & DUQUE-

⁶ Consideramos contexto os dados que tratam de temas gerais sobre o entorno que envolve os acidentes no trânsito.

- Arrazola, L. (Eds) (2003). *A cientista e sua identidade de gênero*. Maceió, ADUFAL: Coleção Mare&Sal.
- Lima, N. R. Loureiro e Barretto, E.(1997) *Gênero e Universidade em Alagoas in Passos, E.(1997)Um mundo Dividido*. Salvador-Bahia: UFBA.
- Moreno Sardá, Amparo (1998) *La otra "política" de Aristóteles*. Barcelona: Icaria.
- _____ (1998) *La Mirada Informativa*. Barcelona: Comunicación Bosch.
- _____ (1986) *El arquetipo viril, protagonista de la historia*. Barcelona: La Sal, Edicions de les dones.
- Rubin, G. (1975). The traffic in women. Notes on the "Political Economy" of sex in Reiter, R.(ed.) (1975) *Toward an antropology of women*, New York: Monthey Review Press.
- Safiotti, Heleieth. *Gênero, Patriarcado , violencia*.São Paulo, Editora Perseo Abramo, 2004.
- Velázquez, T.(1992).*Los Políticos y la Televisión. Aportaciones de la teoría del discurso al diálogo televisivo*. Barcelona,: Editorial Ariel.
- _____ (2003) *Visualización de la inmigración en la televisión publica europea ¿Una cuestión de exclusión social?* Puerto Rico, XI Encuentro Latino Americano: Facultades de Comunicación Social
- T.A. Van dijk (1997). *Racismo y análisis crítico de los medios*, Barcelona, Paidós.